

Suplemento Cultural

O inesquecível Pierre Adri (editor, advogado, jornalista esportivo)

Reginaldo Alves de Araújo – escritor/cronista, ex-presidente da ASL

Nascido na verdejante e convidativa Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, no dia 22 de outubro de 1946, PIERRE ADRI brilhou desde 1971 no universo esportivo do Estado, sendo, sem interrupção, a figura de maior realce do jornalismo e da crônica esportiva do futebol campo-grandense até o tempo atual.

Na infância teve uma educação escolar primorosa no Colégio D. Bosco onde, com esmero, cursou o primário, o ginásio e o segundo grau. Rumando para o Rio de Janeiro em 1965, prestou vestibular para Direito e, em 1970, com distinção, recebeu o diploma de advogado da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, Estado do Rio de Janeiro. Retornou para a sua Campo Grande no ano de 1971 iniciando as atividades de advogado no escritório do Dr. Nelson Trad.

Seu interesse pelo futebol vem desde a meninice quando

“

Na Imprensa escrita da Nossa Campo Grande manteve colunas versando também sobre política, economia, turismo e assuntos gerais. Hoje contabiliza mais de cinco mil artigos assinados”

praticava as célebres peladas no campo do Colégio D. Bosco, depois passou a se divertir no campinho do Visconde Cairu, na rua Antônio Maria Coelho, a princípio como zagueiro, depois, mais consciente, transformou-se num exímio goleador, pois, de estatura agigantada, assombrava os zagueiros com chutes certos e fulminantes cabeçadas. Fez sucesso jogando

do no Juventus F.C., um dos times fortes da várzea, porém maior sucesso ocorreria no time do Ipiranga E.C. da Vila Planalto, considerada a equipe surpresa do amadorismo campo-grandense. O jogador PIERRE “amarrou as chuteiras” atuando pelo PLEC (equipe dos Profissionais Liberais).

Em 1971, aos 25 anos, recebeu o convite do radialista Gilberto Pereira Guedes, para integrar a equipe da Rádio Difusora, como comentarista de arbitragem e, pouco tempo depois, transformou-se no comentarista esportivo titular da emissora. No início de 1972 suas crônicas esportivas apareceram no jornal Tribuna Esportiva, ao lado de Mário Mendonça, um dos laureados radialistas esportivos do Estado. Suas crônicas ganharam destaque e logo foi contratado para escrever “De Charles a Pelé”, diariamente, no potente jornal Diário da Serra. Esta crônica, meses adiante de sucesso, mudaria para “Da Pelada ao Pelé”. Seus escritos foram requisitados no “Batendo Bola”, na Luta Mato-Grossense e posterior-

mente “Da Chuteira ao Cartola” no Jornal da Manhã. Também administrou o Jornal da Manhã durante seis anos ao lado do saudoso Joaquim Leite Neto.

Em 1974 PIERRE ADRI, já um grande cronista, foi comentarista na Cultura e rádio Educação Rural na equipe de Edvaldo Ribeiro e depois Gilberto Pereira Guedes. Teve presença forte na equipe esportiva da TV Morena com apresentação diária de 1975 a 1977.

PIERRE ADRI foi o primeiro, juntamente com Mário Mendonça e Gomes de Moraes, de realizar a primeira transmissão de longa distância, em 1973, pela Rádio Educação Rural pelo Campeonato Nacional ao cobrir diretamente de Fortaleza (CE), Esporte Clube Ceará versus Esporte Clube Comercial, culminando mais tarde com transmissão de Cali, na Colômbia, com o mundialito classificatório para a Copa de 1978 na Argentina. No ano de 1982 acompanhou a participação do Operário Futebol Clube com a disputa da Presidente Cup na Coreia, testemunhando a primeira conquista internacional



Pierre Adri: advogado, cronista/comentarista esportivo, brilhou também como jornalista e editor.

do “Galo da Bandeirantes” após a disputa com mais dez seleções asiáticas e um representante da Holanda.

Foi de grande importância a participação de PIERRE na fundação da Federação de Futebol de MS, mesmo antes da divisão, em 1977. Na Imprensa escrita da Nossa Campo Grande manteve colunas versando também sobre política, economia, turismo e assuntos gerais. Hoje contabiliza mais de cinco mil artigos assinados nos diversos órgãos em que trabalhou como jornalista.

Já vai para 37 anos a edição da Revista Destaque, fundada e mantida pelo extraordinário jornalista PIERRE ADRI, em circulação ininterrupta, abrangendo não somente os leitores da capital, mas, seguramente, de todos os municípios sul-mato-grossenses.

Em 1979, com o advento de Mato Grosso do Sul, foi in-

dicado para um mandato de 4 anos como membro efetivo do Conselho Regional de Desportos (CRD-MS), sendo reconduzindo para o novo mandato, permanecendo até 1987. Também presidiu a Federação de Basquete de Mato Grosso do Sul.

Devido ao seu alto prestígio foi eleito, em 1984, suplente de vereador, assumindo o mandato no ano de 1987.

Em vida, com 48 anos de atividade jornalística, com estrondoso sucesso, se ufanava de ter estendido a mão para muitos jovens, atualmente, inegavelmente excelentes profissionais da imprensa.

Salve PIERRE ADRI – um dos Baluartes do Futebol Campo-Grandense.

O inesquecível Pierre Adri faleceu em 29 de setembro p.p. Estamos de luto. Campo Grande jamais o esquecerá.

POESIAS

INGLÓRIA E FATAL

Chove um pranto de luz lá do infinito
Pondo fogo em dilúvio sobre a Terra...
São círios em protesto, horrendo grito
De inconformados astros ante a guerra!

O peito do Universo um caos encerra,
Planetas choram lavas de granito...
São levantes ao homem vil que enterra
A Justiça, ao fazer-se um deus sem mito!

Enfim, em convulsão vibram galáxias!...
Porém, as vibrações são mais que máximas
Quando o cosmos explode em brados vãos:

É a voz de Deus, irmãos – com mágoa extrema –
Que não aceita, chora e até blasfema
O desamor que hoje há entre os irmãos!

Geraldo Ramon Pereira – coordenador cultural deste Suplemento pela ASL

Árvore

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu, e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.

E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia.
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.

Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros.

E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.

Manoel de Barros – ocupou a cadeira n. 01 da ASL

CARTA

Ileides Muller – poeta/cronista, membro da ASL

Causou-me surpresa encontrar, dia desses, na caixa de cartas, uma carta. Acredite, era uma carta de verdade, com envelope tradicional, selo dos Correios, carimbo, com meu nome e endereço escritos à mão e tudo. Quando a peguei, mal podia acreditar, porque há muito esse objeto perdeu sua função. Mas este era real, estava ali, um raro exemplar. Busquei o remetente. Havia e vinha de longe...

Com ela em minhas mãos, fiz uma viagem no tempo e percebi o quanto as cartas foram importantes para a humanidade. Na história do cristianismo, o Apóstolo Paulo, por meio de cartas orientava, incentivava e advertia as diversas comunidades nascentes, ainda amedrontadas pelos recentes acontecimentos. Certamente corria riscos ao escrevê-las – muitas estando ele no cárcere – mas, graças (também) a elas, o cris-

tianismo se expandiu por diversos lugares e se fortaleceu. Na história do Brasil, outra carta me vem à mente, a de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Imagino com que emoção foi escrita! Além de comunicar a grande novidade, traduzia a exuberante beleza de uma “terra firme”, um verdadeiro porto seguro para a esquadra e um verde jardim para o descanso daqueles homens cansados de balanços e lonjuras azuis. O autor, sem imaginar, estava escrevendo o documento inaugural desta amada terra. Na literatura, me deparei com “Cartas a um jovem poeta” em que o grande poeta de língua alemã, Rainer Maria Rilke, escreveu a Franz Kappus, aconselhando-o em momentos de dúvidas, cartas que foram decisivas para as escolhas daquele jovem. Mentalmente, percorro os romances que li e, neles, quantas cartas de amor! Eram elas, em todas as épocas, que traduziam sentimentos, acendiam saudades, embalavam corações aflitos e consolidavam grandes histórias de jovens apaixonados. Quanta importância tiveram as cartas! Em um giro pe-

las lembranças, encontrei intactas as centenas de cartas que recebi no adolecer da vida e senti a mesma ansiedade que sentia nas longas esperas, o perfume de saudade que traziam, a emoção ao recebê-las, tocá-las, abri-las e, no papel cuidadosamente dobrado, ler as mais belas palavras de amor. Sim, as mais belas, porque eram escritas para mim. Ah, quantas lembranças! Ainda as guardo como provas de uma história em andamento.

Respirei fundo e iniciei a abertura do envelope recebido. Dentro, uma folha de seda escrita com tinta azul, letra legível, bem delineada, um pouco inclinada para a direita, em português impecável. Continha boas notícias que me deixaram feliz. Terminada a leitura, busquei na memória o último exemplar recebido. Não me lembrava. Sei que muitas cartas morreram por não suportarem a luminosa tecnologia. Poucas ainda se arriscam por aí, espremidas entre pacotes, caixas, malas diretas, frios envelopes... lutando para sobreviverem. Em um mundo cada vez mais acelerado, não há

Presente na Inauguração de Brasília

Wilson Barbosa Martins – pertenceu à ASL

Eleito Prefeito de Campo Grande em 1958, evoco o grande acontecimento político da época: a inauguração de Brasília, a nova capital da República, ocorrida em 21 de abril de 1960. Como brasileiro, senti que devia estar presente à extraordinária ocorrência. Eis que o major-aviador Aloysio Lontra Neto, comandante da Base Aérea de Campo Grande, colocou seu avião a minha disposição. Conosco viajou, de véspera, o engenheiro da Base Gabriel do Carmo Jabour. Do alto, avistamos a nova capital, já levantada nos Cerrados, na sua essência. Vimos os palácios da Alvorada, do Planalto, o Senado e a Câmara dos Deputados e o Supremo Tribunal Federal, na Praça dos Três Poderes. Vimos o Aeroporto, o Lago Paranoá, o Eixo Monumental, a Igreja Matriz. Vimos os ministérios e os eixos de acesso a todos eles, as rodovias abertas para os diversos pontos do país. Notamos a extraor-

dinária movimentação de veículos rumo à capital, bem como as cidades-satélite. O entusiasmo já se apoderara de nós, os três companheiros de voo. Em terra, combinamos o retorno para o dia imediato à inauguração e nos separamos. Tomei um táxi e fiz do motorista o guia de todas as horas em Brasília. Foi assim que acompanhei o programa das inaugurações. À noite, vi o presidente Juscelino Kubitschek e sua mulher, dona Sarah, na missa em que se realizou a transferência oficial da capital, em frente ao Supremo Tribunal Federal, ele em lágrimas com o lenço nos olhos para enxugá-las. Na manhã seguinte, fomos ao Alvorada; a multidão aguardava a saída do presidente, para saudá-lo. Eu já não era o homem de oposição, exigente, que viera assistir à criação de Brasília. Era o brasileiro repleto de emoção que via e compreendia o grande passo que o nosso país dava rumo ao seu crescimento.

Quando tomamos o avião de volta e pousamos em nossa cidade, mani-

festei aos meus companheiros as impressões que se apossaram de mim. O nosso partido de então era a velha UDN, que contava com cidadãos conservadores e liberais. Eu formava entre os últimos, com idéias e opiniões mais avançadas. Desde os dias da manifestação universitária em São Paulo, inclinei-me pelos princípios democrático-sociais. Recordo-me que em 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, à cuja posse assistíramos, pretendeu-se impedir o vice-presidente João Goulart de assumir o cargo que lhe competia. Embora adversário de Jango, como era conhecido, coloquei-me ao lado da legalidade. “Abomino os governos violentos, as tiranias, as ditaduras, sejam quais forem as suas tendências”, declarei à imprensa na ocasião.

Paguei o preço por essa posição, que se chocava com a de grupos mais conservadores. Cumprido o mandato de prefeito, disputei uma cadeira na Câmara dos deputados, mas não pude contar com o apoio dos que então passaram a me fazer restrições. Apenas isso, consegui ser eleito com o maior número de sufrágios no estado.

“

Na história do cristianismo, o Apóstolo Paulo, por meio de cartas orientava, incentivava e advertia as diversas comunidades nascentes, ainda amedrontadas pelos recentes acontecimentos”

paciência para as esperas. A caixa de “cartas”, plantada no muro da casa, já não guarda mais cartas, delas nem mais se lembra, perdeu a função principal. Que pena! Agora guarda papéis genéricos, panfletos, propagandas de toda sorte, contas a pagar... coisas de menor importância.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS ELEGE DIRETORIA PARA O TRIÊNIO 2020/2023 – Em assembleia geral realizada na sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, obedecendo a todos protocolos de biossegurança, na terça-feira p.p. (20/10), foi aclamada a Chapa única inscrita para nova Diretoria da Entidade, para o triênio 2020/2023. O acadêmico e atual secretário-geral Rubenio Marcelo, que foi nomeado coordenador eleitoral, acompanhou todo o cronograma estabelecido no Edital próprio (e devidamente publicado) e observou os procedimentos relativos à presente eleição. Terá início no próximo 31/10 o mandato para o qual foi eleita esta Diretoria da ASL, que é assim formada: Presidente – **Henrique de Medeiros**; Vice-Presidente – **Marisa Serrano**; Secretário-Geral – **Valmir Corrêa**; Secretário – **Samuel Medeiros**; 1º Tesoureiro – **Antônio Alves Guimarães (Guimarães Rocha)**; 2º Tesoureiro – **Américo Calheiros**.